

ALICE MODERNO

O EXERCÍCIO DAS LETRAS E DA CIDADANIA

CONCEIÇÃO FLORES

Universidade Potiguar (Brazil)
conflores.natal@gmail.com

RESUMO: O presente artigo versa sobre o exercício das letras e da cidadania de Alice Moderno, escritora portuguesa nascida em Paris em 11 de Agosto de 1867, mas cuja vida decorreu nos Açores desde 1876 até a sua morte em 1946. Publicou diversas obras, com destaque para poesia (nove títulos) e teatro (três peças); traduziu vários títulos; fundou jornais e colaborou assiduamente com revistas e jornais dos Açores e de Portugal Continental, dentre os quais o *Almanaque Luso-Brasileiro de Lembranças*. Participou ativamente das organizações de mulheres da I República, tendo sido militante da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, da Associação de Propaganda Feminista e da Associação Feminina de Propaganda Democrática. O seu nome, como o de tantas outras escritoras que tiveram papel relevante na cultura portuguesa, caiu no esquecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Alice Moderno; literatura de autoria feminina; jornalismo; militância feminista.

ALICE MODERNO'S EXERCISE OF LITERATURE AND CITIZENSHIP

ABSTRACT: This paper explores the Portuguese writer Alice Moderno's exercise of literature and citizenship. Born in Paris on 11 August 1867, she lived in the Azores from 1876 until her death in 1946. Among Moderno's works are nine books of poetry, three theater pieces and several translations. Furthermore, she founded newspapers and worked assiduously with magazines and newspapers in the Azores and on the Portuguese mainland, including the *Almanaque Luso-Brasileiro de Lembranças*. Moderno participated actively in women's organizations of the First Republic and was an activist in the Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, the Associação de Propaganda Feminista and the Associação Feminina de Propaganda Democrática. Her name has been forgotten, like those of so many other female writers who played a significant role in Portuguese culture.

KEYWORDS: Alice Moderno; Portuguese writer; journalist; feminist activism.

Introdução

A inserção da autoria feminina na história da literatura portuguesa é um projeto acalentado, sobretudo, por pesquisadoras que vêm desenvolvendo projetos —quer estes sejam individuais ou em equipe¹— que problematizam o cânone e dão visibilidade a escritoras cujos nomes ficaram no limbo da história literária.

¹ Entre as obras que focalizam esse tema, citamos Edfeldt (2006), Flores/ Duarte/ Moreira (2009) e mencionamos também o trabalho de Silva (2014). A Professora Vanda Anastácio, da Universidade de Lisboa, e a Professora Teresa Sousa de Almeida, da Universidade Nova de Lisboa, são responsáveis pelo projeto *Portuguese Women Writers* (16th- 19th centuries) que integra o projeto europeu *Women Writers* e que pode ser consultado em http://www.womenwriters.nl/index.php/Portuguese_Women_Writers. Não referimos aqui os trabalhos que têm sido desenvolvidos focando apenas a obra de uma escritora, visto serem muitos os que vêm sendo realizados em diversos programas de pós-graduação, sobretudo no Brasil e em Portugal.

Considerando com Bloom (1994: 19), mas à sua revelia, que “[...] o Cânone é a verdadeira arte da memória, o suporte autêntico do pensamento cultural”² é, pois, necessário abri-lo e ampliá-lo. Considerando ainda que o conceito de literatura é uma construção que tem variado consoante o contexto histórico e cultural e que as mulheres escreveram e publicaram, ou não, textos literários variados ao longo dos séculos, há que dar visibilidade a essas escritoras.

Assim, este artigo, partindo do conceito de bio/grafia (Maineugneau, 1995: 45-47), isto é, do entrelaçamento entre vida e escrita, analisa o papel de Alice Moderno, no exercício das letras e da cidadania e as suas contribuições para a literatura e para o jornalismo português, sobretudo para o açoriano, bem como sobre a sua atuação como militante republicana e feminista.

O exercício das letras

Alice Augusta Pereira de Melo Maulaz Moniz Moderno nasceu em Paris, em 11 de agosto de 1867, filha de João Rodrigues Moderno e de Celina Pereira de Melo Maulaz. O pai era médico formado pela universidade de Paris e nascera no Rio de Janeiro, em 1838, filho único de mãe brasileira e pai madeirense. A mãe, uma senhora com educação esmerada, era poliglota e tinha o curso de piano do Conservatório de Paris. Nascera em Nova Friburgo (Rio de Janeiro), em 1847, filha de mãe brasileira e pai francês.

Os Açores entraram cedo na vida de Alice Moderno, pois, em setembro de 1867, os pais desembarcaram na ilha Terceira. O jovem casal vindo de Paris teve uma breve permanência na ilha, regressando, em 1868, à cidade luz, onde residiu até 1875. Mais tarde, Alice recorda que: “Os primeiros anos da minha vida foram verdadeiramente felizes. Meu avô, minha mãe, minha madrinha, adoravam-me.” So-

² Bloom (1994: 45) afirma que o cânone “[...] não pode ser forçado a abrir-se pelas nossas senhorinhas da claqué de apoio”. Refere-se o autor às feministas e a projetos que visam resgatar as escritoras do passado.

bre o pai, lembra que ele dava “[...] muitos brinquedos, comprava-me cãs, macacos, papagaios, canários.” (Vilhena, 1987: 42)³. Ela conta:

Tinha apenas 7 anos quando o meu pai deixou de aparecer em casa à hora das refeições. [...] Em breve meu pai abandonou inteiramente o lar. Nunca mais o vi. Mandou buscar a sua roupa. Apaixonara-se por uma caixeira de um estabelecimento de modas. Meu avô começou a tratar da separação de pessoas e bens. Da fortuna de meu pai nada restava já. Estavam quase concluídas as formalidades de separação, quando meu avô morreu. (Vilhena, 1987: 43)

Após a morte do avô, ocorrida em 1875, o pai apareceu em casa e, logo em seguida, preparou a viagem para os Açores. A família, em 1876, regressava à ilha Terceira, onde o pai montou um consultório homeopático.

Durante a permanência em Angra do Heroísmo, a família cresceu. Em 1877, nasceu o irmão Luís; em 1881, Vitor; em 1882, a irmã Maria do Carmo. Em 31 de agosto de 1883, a família já estava novamente de mudança, desta feita para a ilha de São Miguel, onde o pai estabeleceu um consultório homeopático e alopático em Ponta Delgada.

Alice Moderno tinha, então, 16 anos e foi obrigada a seguir a família nessa mudança. Essa errância, a ausência de afeto paterno, as saudades da família que ficara em França talvez tenham contribuído para torná-la uma menina retraída, que passava os dias trancada no quarto, fazendo versos. Anos mais tarde, ela recorda:

[...] descobriu meu pai que eu fazia versos, fechada no meu quarto, de onde só saía às horas das refeições. Era outro assunto de recriminações e descomposturas. ‘Era o que lhe faltava, era ter poetas em casa! Poeta sempre fora sinónimo

³ Maria da Conceição Vilhena, biógrafa da autora, publica uma carta, não datada, de Alice para Joaquim de Araújo, com quem a autora teve um namoro por correspondência, que durou de 1892 a 1894. Essas cartas constituem uma fonte de pesquisa sobre a vida de Alice Moderno.

de pateta, e até rimava!’ E afinal, quem lhe dizia a ele que os versos que encontrava num caderno eram meus? (Vilhena, 1987: 44)

O pai, como tantos homens, considerava a literatura coisa de alienados, um “indicativo de péssimo caráter” e ainda achava que os versos eram copiados (Vilhena, 1987: 44). Alice Moderno narra que contava ansiosamente os dias que faltavam para completar 21 anos, pois com a maioria ficava livre da prepotência paterna. Tencionava ir para o Brasil e ganhar a vida honestamente. Mas a ilha de São Miguel a cativou e foi para sempre o seu lar.

A chegada a Ponta Delgada marca também a sua estreia literária, ocorrida em 18 de Setembro de 1883, no jornal *Açoriano Oriental*, com a publicação do soneto “Morreu!...”, *in memoriam* da Viscondessa da Praia da Vitória. Passados dois anos, inicia a sua colaboração no *Almanaque Luso-Brasileiro de Lembranças*, importante publicação que circulou em Portugal e no Brasil de 1851 a 1932⁴. A primeira participação no *Almanaque* ocorreu em 1885, com a publicação do poema “A ti”, declaração de amor de uma menina romântica que considerava o amor um “anjo ou demônio”, “a tão doce lei” a quem ela dizia se vergar (Moderno, 1885: 213). A participação da escritora nessa publicação foi bastante efetiva, tendo ocorrido de forma ininterrupta até 1889.

Em 1886, Alice Moderno publica *Aspirações*, livro que reúne versos em português e em francês, datados de 1883 a 1886. Dedic

⁴ O *Almanaque Luso-Brasileiro de Lembranças* foi publicado regularmente de 1851 a 1932 e reunia em suas páginas artigos sobre assuntos diversos, poesias, pensamentos, charadas e curiosidades, escritos por homens e mulheres de Portugal Continental, dos Açores e da Madeira, das colônias portuguesas na África e na Ásia, bem como do Brasil. Alice Moderno publicou poemas no *Almanaque* em 1885, 1886, 1886 (suplemento), 1887, 1887 (suplemento), 1888, 1889 (suplemento), 1891, 1894, 1904, 1908, 1909. O levantamento destes dados foi realizado pela equipe da Profa. Vânia Chaves (Universidade de Lisboa- CLEPUL), que coordena o projeto “Senhoras do Almanaque”. Os poemas publicados no *Almanaque* e analisados neste texto foram gentilmente cedidos pela Professora Vânia Chaves, a quem agradecemos a preciosa colaboração.

à mãe as “[...] pueris *aspirações*”, os seus “cantos juvenis” (Moderno, 1886a: 4). Não recorre a ninguém para prefaciar o livro e dirige-se “Ao leitor”, convocando-o a ser “o juiz que decidirá d’ este singelo pleito” (Moderno, 1886a: IX).

No prólogo, a poetisa escreve:

Ignoro se nasci poetisa; aos nove anos escrevia versos tão destituídos de senso comum, que alguns anos depois, ao lê-los, a voz da consciência forçou-me a exercer as funções de inquisidor mor, condenando-os a alimentar uma fogueira em noite de S. João. (Moderno, 1886a: VIII)

Afirma não pertencer a “escola alguma”, mas confessa-se admiradora de João de Deus, Guerra Junqueiro, Tomás Ribeiro, Soares de Passos, Musset, Lamartine e Victor Hugo, o que sinaliza a sua preferência pela poesia romântica (Moderno, 1886a: 4).

A recepção dessa obra ultrapassa as ilhas açorianas. Camilo Castelo Branco escreve à poetisa e diz:

Lêem-se depressa os versos de V. Ex.^a porque são bons – são a alma em flor e perfumes dos 19 anos. Volvidos mais seis primaveras na vida de V. Ex.^a o que será a sua alma? [...] Com que saudade V. Ex.^a lerá então estes poemetos de hoje! Quando então os reler, [...] recorde-se que fui dos seus admiradores e criado de V. Ex.^a muito reconhecido à fineza do seu presente. (Vilhena, 1987: 241)

O poeta João de Deus, um dos preferidos da autora, envia-lhe os seguintes versos, que serão publicados, em 1888, no livro *Trilos*.

Senhora, Deus vos depare
Um coração que se inflame
Também ao ler o que eu li!
Um coração que vos ame!
Um braço que vos ampare!
Uns olhos donde irradie
A luz que vos alumie!

E pois sois dada a voar
Tão alto e longe daqui,
Deste abismo, deste mar,
Também sustereis no ar
Quem vos ame, ampare e guie! (Vilhena, 1987: 241)

Aspirações reúne 94 poemas, alguns dos quais também foram, posteriormente, publicados no *Almanaque Luso-Brasileiro de Lembranças*. A autora, na edição de 1886, participa com um poema intitulado “Saudação ao Senhor D. Pedro II, Imperador do Brasil”. Escrito em 1884 e incluso no livro⁵, o poema destaca equivocadamente a libertação dos escravos. Vejamos alguns trechos:

A vossa mão partiu as iníquas correntes,
E libertou um povo, até então cativo.
[...]
Já não soluça o escravo, à sombra das palmeiras,
Já não amaldiçoa o bárbaro feitor. (Moderno, 1886b: 396)

A romântica menina de 19 anos, que sonhava ir para o Brasil quando completasse 21 anos, julgava já não haver escravatura e que o imperador era o responsável por esse fato. Lembramos, no entanto, que, à data em que poema foi escrito, apenas existia a Lei do Ventre Livre, que considerava livres os filhos de escravos nascidos a partir de 28 de setembro de 1871, e a Lei dos Sexagenários, promulgada em 28 de setembro de 1885, que concedia a liberdade aos escravos com mais de 60 anos. O Ceará, no entanto, aboliu a escravatura em 25 de março de 1884, episódio que decorreria da ação desenvolvida por diversas associações civis de combate à escravidão, portanto à revelia do imperador. A abolição da escravatura foi assinada pela Princesa Isabel em 13 de maio de 1888.

No suplemento do *Almanaque* de 1886, mais um poema, que também faz parte de *Aspirações*. Intitulado “Depois do baile...”, é o cumprimento de “uma promessa carnavalesca”, poesia de circunstância, que remete aos bailes de máscaras.

⁵ Cf. *Aspirações* (Moderno, 1886: 25-27).

Eis pois os versos; eu te os ofereço,
São pobres cardos de invernal paul,
Em recompensa, novamente peço,
Diz quem és, ó dominó azul. (Moderno, 1886c: 106).

Assinalamos, contudo, que o poema publicado no *Almanaque* apresenta algumas variações. Por exemplo, onde se lê “Eis pois os versos; eu te os ofereço”, em *Aspirações* lê-se “Eis pois os versos, o bouquet sem preço” (1886a: 18), o que denota uma revisão, que resultou numa elaboração mais cuidada desse verso.

Alice Moderno, em 1887, participa no *Suplemento ao Almanaque* com a publicação de “Horas de spleen”, soneto que apresenta o mote ultrarromântico “Eu sei que vou morrer!”, retomado anaforicamente em todas as estrofes. Na última estrofe, a poetisa afirma:

Eu sei que vou morrer! A tua indiferença
despedaçou-me a fé, aniquilou-me a crença,
e faz-me desejar a paz de um cemitério. (Moderno, 1887: 143)

Nesse tempo, a autora vivia só em Ponta Delgada, pois não acompanhara a família para a Achada do Nordeste, onde o pai tinha um partido médico⁶, visto estar a frequentar o liceu, onde era, então, a única mulher e a primeira a se sentar nos bancos daquela instituição de ensino. Sustentava-se com a mesada que recebia do pai, a qual era fruto do subsídio pago por Jácome Correia⁷, figura de destaque da política micaelense⁸. Como estava na cidade, tinha uma procuração do

⁶ Desde o século XVII, existiam partidos médicos em Portugal. As câmaras municipais, com o apoio da coroa, através de contratos de curta ou longa duração, regra geral com jovens recém-formados, asseguravam a assistência médica aos seus munícipes. Os médicos recebiam o pagamento de acordo com vários fatores, alguns incluíam as distâncias percorridas para atender aos doentes.

⁷ Não tive acesso a *Trilos*, mas é a autora quem dá essa informação numa carta escrita em 29/07/1892 a Joaquim de Almeida (Vilhena, 1987: 76).

⁸ Deputado e chefe local do Partido Regenerador, recebeu o título de Conde de Jácome Correia do rei D. Carlos I, por decreto de 3 de maio de 1890. (cf. Na plataforma GENI, a árvore genealógica da família Jácome Correia. Disponível em <https://www.geni.com/people/Pedro-J%C3%A1come-Correia/6000000023968983430>. [Acesso em 13 nov. 2016].

pai para passar o recibo do subsídio e receber o dinheiro; descontava a mesada e enviava o restante para o pai.

No primeiro semestre de 1888, possivelmente, Alice Moderno publicara, *Trilos*, com poemas escritos de 1886 a 1888. O livro foi dedicado a Jácome Correia, provavelmente por sugestão do pai, que desejava agradar ao conde, pois era este que lhe pagava o subsídio pelo exercício da medicina. Mas com a maioria recém-conquistada contrapôs-se à vontade paterna, dizendo-lhe: “Sou, segundo a lei, responsável pelos meus actos, e não praticarei nunca um que a minha consciência ou a minha dignidade reprovem.” (Vilhena, 1987: 76). Jovem, com ideais republicanos, não se curvava a um monárquico. O pai expulsou-a de casa e, a partir de então, ela passou a ganhar o seu sustento com as aulas de português e francês que ministrava a vários alunos.

A colaboração de Alice Moderno em diversos jornais dá-se a partir de 1883, mas é em novembro de 1888, aos 22 anos, que ela dá ao prelo o *Recreio das Salas*, seu primeiro periódico. Tratava-se de uma publicação mensal “noticiosa, científica, histórica, literária, biográfica, bibliográfica e recreativa”, que só aceitava inéditos e que contava entre os seus colaboradores com figuras bem conhecidas da literatura portuguesa como o poeta açoriano Antero de Quental e a escritora Maria Amália Vaz de Carvalho. O primeiro número sai em novembro de 1888 e é recebido calorosamente pela imprensa local. Porém, teve vida curta, tendo sido publicados apenas 7 números.

A par da atividade jornalística, continua a enviar a sua colaboração para o *Almanaque*, comparecendo no ano de 1888 com dois poemas de circunstância dedicados a duas senhoras. Intitulado “Dois sóis”, foi escrito para um álbum, conforme lemos na dedicatória, e o tema continua a ser o amor, aqui considerado como o sol “mais poderoso” (Moderno, 1888: 133). O segundo poema intitula-se “Adeus!...” e nele o eu-lírico assume a voz da atriz Cremilde Gomes⁹ quando esta se despediu do público micaelense:

⁹ Segundo Vilhena, o poema foi recitado pela atriz no Teatro Micaelense, em 12 de Abril de 1885.

E já que vou partir, que vou ter outros céus,
Deixai mais uma vez, da rampa à luz fulgente,
Dizer-vos um adeus, adeus triste e pungente,
Sentido com é sempre o derradeiro adeus!... (Moderno,
1888: 407)

A autora inicia, em 1889, a sua colaboração no *Diário de Anúncios*. Recebe mensalmente pelo que escreve e é lá que publica, em folhetim, o romance *O Dr. Luís Sandoval*. A par disso, mantém intensa atividade: dá aulas, é jornalista e colabora com diversas publicações. No suplemento do *Almanaque* daquele ano, publica o “Soneto geográfico” dedicado ao poeta Alberto Bramão (1865-1944), personalidade que gozava de prestígio nas letras, bem como no jornalismo e na política portuguesa. O poema já havia sido publicado em *Aspirações* (Moderno, 1886a: 141-142) e o tema remete para a ilha da utopia, que aqui recebe o nome de Chimera, cuja “[...] capital é Sonho onde reina o Amor” (Moderno, 1889: 122).

Em 1891, Alice Moderno volta a colaborar no *Almanaque* com o poema “Deus sabe”, publicado no primeiro livro de poemas. Escrito, em 1885, é mais um poema romântico, em que confessa: “Deus sabe se te adoro/ Fulgente meteoro,/ Fantástica visão!” (Moderno, 1891: 459). Pai e filha continuam sem se falar e, naquele ano, o irmão Luís vem morar em Ponta Delgada com a irmã a fim de frequentar o liceu.

Ela assume, em 1892, a direção do *Diário de Anúncios* e edita o romance *O Dr. Luís Sandoval*, que já fora publicado em folhetim. Nesse ano, começa, por carta, o namoro com Joaquim de Araújo¹⁰, intelectual 11 anos mais velho do que ela, com quem já se correspondia. Quando ele lhe pede namoro, Alice expõe o seu dia-a-dia:

Aqui, satisfação mensalmente uma quantia e não intervenho
em nada dos arranjos domésticos. Tenho as horas do dia

¹⁰ Joaquim de Araújo (1858-1917) era figura de destaque nos meios intelectuais do final do século XIX. Poeta e jornalista, com participação em vários jornais, era formado em Letras pela Universidade de Lisboa e foi amigo de Antero de Quental. É autor de vários títulos, que versam sobre poesia e história de Portugal.

ocupadas todas com lições, dadas a vinte e tantos alunos. Uma ou outra meia hora que me resta deste trabalho constante, consagro a ler um livro bom, ou a escrever.

Passam-se anos sem que eu pegue em uma agulha, e estou tão desabituada de o fazer, que me é muito mais fácil escrever durante um dia do que costurar durante uma hora. (Vilhena, 1987: 161).

De forma muito clara, Alice Moderno se apresenta como uma mulher que não corresponde ao imaginário masculino da esposa que se dedica ao lar. Independente financeiramente, afirma:

Gosto muito de ensinar e consagro-me aos meus discípulos. [...] Se eu me casasse, o que não creio (pois haverá um homem que queira uma mulher como eu!?) pediria a meu marido que me deixasse continuar a leccionar. (Vilhena, 1987: 162).

Contrariando o ideal da domesticidade vitoriana que preconizava a inteira dedicação da mulher ao lar, revela um perfil bem diferente da maioria das mulheres do seu tempo. Não se coaduna com o modelo de “fada do lar” a quem cabia “[...] gerir o espaço privado da casa, permitindo que o homem nela possa retemperar as forças despendidas na gestão do espaço público, através do qual sustenta o núcleo familiar.” (Macedo/Amaral, 2005: 63). Rompendo, pois, com o modelo vigente na época, ela avisa antecipadamente ao seu interlocutor que, provavelmente, ele iria considerá-la “[...] mulher [...] excêntrica e mal educada;” (Vilhena, 1987: 162). A “excentricidade” adviria de não ser uma mulher para quem o espaço doméstico constituía o ideal a ser alcançado. Autossuficiente financeiramente, não almejava um marido para sustentá-la.

Os anseios de Alice Moderno e a sua atividade profissional não estavam em consonância com a educação da “[...] mulher doméstica [que] tinha como objetivo principal a manutenção da inocência, que permitia que as mulheres fossem assimiladas para as suas funções

sociais de filhas, esposas e mães” (Cominos, 1980: 156; *apud* Macedo/ Amaral, 2005: 64).

O amor vivido por meio da troca de correspondência com Joaquim de Araújo era, possivelmente, alimentado pela imaginação romântica da jovem Alice, que demonstrava na sua escrita o pendor pelo romantismo. Ela nunca vira o namorado, mas confessava estar apaixonada e ter “[...] medo de ser demasiado feliz” (Vilhena, 1987: 162). Ele veio a Ponta Delgada, em 1893, e começaram os desentendimentos. O amor idealizado, alimentado pelas cartas românticas, desfez-se quando o conheceu pessoalmente. Apesar disso, publica, em 1894, *Os mártires do amor*, uma brochura com 6 sonetos, dedicada ao namorado. Em setembro desse ano, Alice toma uma decisão e comunica a Joaquim de Araújo o término do compromisso. Escreve:

[...] a honra que me fizeste, oferecendo-me um braço ao qual eu poderia amparar-me, parecia a qualquer outra rapariga no meu caso um negócio e uma convenção *ad hoc*.

Eu valho porém mais do que isso e sou muito tua amiga para poder consentir em ser má esposa. [...] não tenho também a triste coragem de te fazer infeliz. (Vilhena, 1987: 171)

Além disso, o papel de “fada do lar” não se adequava a esta mulher empreendedora e independente. Ela vale “mais do que isso”, por isso constituir família tornar-se-ia uma prisão, pois ela tem consciência de que as relações de poder entre homem e mulher no casamento seriam desiguais. Afirma não possuir “[...] os elementos honrosíssimos de que se fazem as *ménagères*” (Vilhena, 1987: 171).

Em 1894, volta a colaborar com o *Almanaque*, com a publicação do soneto “Nunca mais!”, em que revela a sua desilusão amorosa. Ela amava o amor e não o amado, por isso diz que não mais procurará o “brilhantíssimo astro”. Os dois tercetos, que transcrevemos, dão conta dessa visão romântica:

Nunca mais! Nunca mais, o brilhantíssimo astro
Eu procurarei ver-te, ou seguirei teu rastro
Nunca mais fitarei teu rosto encantador!

Nunca mais te direi em languida epopéia
O que o sol diz ao mar, e a vaga diz à areia;
Nunca mais! nunca mais te falarei de amor. (Moderno, 1894: 370)

Durante alguns anos a sua atividade literária diminuiu. Trabalha incessantemente para pagar as dívidas deixadas pelo pai, que emigrara com a família para os Estados Unidos da América em 1893. Nas dificuldades financeiras enfrentadas pela família, o socorro vem sempre de Alice Moderno.

Publica, em 1889, um opúsculo com o poema *No adro*. Em 1901, publica o ensaio *Açores, pessoas e coisas*. E em 1902, está de volta ao jornalismo com a criação de *A Folha*, um semanário “literário, noticioso e comercial” que circula aos domingos. No ano seguinte, adquire uma tipografia, a Tipografia A. Moderno, onde se imprimem *A Folha*, vários periódicos micalenses e diversos trabalhos tipográficos. São demasiados os afazeres que preenchem o dia desta mulher incansável!

A colaboração no *Almanaque* é retomada em 1904, com a publicação do soneto “Camões”, em que reaparece o tom romântico, presente em vários poemas que já comentamos. Relembra o amor do poeta pela amada eternizada em “Alma minha gentil que te partiste,/ Repousa lá no céu eternamente!”, versos com que a poetisa encerra o poema de homenagem a Camões.

Após uma interrupção de quatro anos, volta a participar do *Almanaque*. O soneto “Separação”, possivelmente escrito alguns anos antes, é sobre o sofrimento provocado pelo fim de um relacionamento amoroso. O eu lírico, buscando a cumplicidade do amado, afirma:

Mas, sabes, muitas vezes, a alma chora
Martirizada, e ao mesmo passo, vão
Os lábios disfarçando a dor que mora
Soturnamente em nosso coração.

Assim, quando, há minutos, eu sorria
[...] O meu riso forçado era mais triste
(Juro-te, meu amor, por tudo quanto existe)
Que o pranto que eu não pude derramar. (Moderno, 1908: 202)

No ano seguinte, a autora colabora, pela última vez, no *Almanaque*. O poema intitula-se “Os mártires do amor”, o mesmo título da brochura publicada em 1894 e dedicada a Joaquim de Araújo, que era, então, seu namorado. Mais uma vez, o amor é um ideal, “uma mágica utopia” que conduz a “um túmulo entreaberto”. Admiradora confessa do poeta ultrarromântico Soares de Passos, apresenta, neste poema, o drama dos amantes.

Em vez de dulcíssima alvorada,
Tivemos sepulcro, a sombra, o nada,
O pó, a solidão, a eterna dor...

Sempre envolvidos em sofrer profundo,
Passámos isolados pelo mundo...

- Chamamo-nos *Os mártires do amor!* (Moderno, 1909: 318).

É interessante notar que, contrariamente à visão romântica do amor, expressa na poesia, Alice Moderno foi pragmática na vida, tendo, desde cedo, assumido o controle das suas ações. Autossuficiente financeiramente, empreendedora corajosa, traçou a sua trajetória em coerência com seus ideais.

A sua atividade literária também se estendeu ao teatro. O palco para a encenação das peças é o Teatro Micaelense. Em 1910, celebrando a proclamação da República, leva à cena a peça *A apoteose*, que termina com o Hino ao Trabalho de António Feliciano de Castilho; em 1913, quando a jovem república corria perigo com os adeptos de D. Manuel a querer restaurar a monarquia, encena *Na véspera da incursão*, peça em que faz a defesa dos ideais republicanos.

Alice Moderno é incansável. Numa carta escrita em 3/12/1906 para Ana de Castro Osório, fala sobre o seu cotidiano e os seus múltiplos afazeres. Vale a pena ler alguns trechos que mostram como administrava o seu dia-a-dia.

[...] Sou na opinião de todos uma pessoa tão activa como não pode imaginar. Mas a verdade também é que não tenho tempo para nada!

É de balde que me levanto às 6 da manhã e me deito à meia-noite. Nunca consigo dar conta de todos os meus negócios. [...] Passo a vida a trabalhar no meu escritório de redação, onde dirijo tudo o que se faz e corrijo provas inverosímeis, até de anúncios de vinho de cheiro e batata inglesa; ou em casa dos meus alunos a lecionar. Só me afasto para tratar de negócios. Visitas só quando morre alguém e... *quand même*. Distrações, unicamente a leitura. [...] E o mais bonito é que não enriqueço. (Vilhena, 2001: 198, 199)

Mulher empreendedora, foi uma *self made woman*, inquieta e visionária. Por volta de 1907, montou a *Agência de livros*, uma livraria que vendia livros nacionais e importados, material didático e uma infinidade de outros artigos. Em 1909, comprou uma propriedade na Fajã de Baixo e começou a cultivar ananases, que exportava para os Estados Unidos. Um anúncio publicado em *A Folha* no final de 1910 dá conta das muitas atividades a que Alice Moderno se dedica. Entre outras, é agente da Companhia de Seguros *A equidade de Portugal e Colónias* e da Companhia Internacional de Seguros *Fomento Agrícola*, representante de várias casas comerciais nacionais e estrangeiras, distribuidora dos periódicos portugueses de maior circulação, entre eles, *Modas e Bordados*, revista de grande circulação nacional dedicada às mulheres das classes médias e alta, onde várias poetisas publicavam seus poemas.

Em 1911, publicou *Versos da Mocidade*, livro que reúne poemas variados escritos entre 1888 e 1911. *A Folha*, desde 1915 tem um administrador, pois a sua proprietária não tem mais tempo, sobrecarregada que está pelas outras atividades. Em 15 de Abril de 1917 foi publicado o último número. Em 1930, sai *Trevos*, livro de poesia, o último que Alice Moderno dá a público.

Se a atividade literária começara a ser menos intensa, a sua participação na vida cultural com intervenção cívica acentua-se.

O exercício da cidadania

Os primeiros anos do século XX são palco de uma forte eferescência política. A monarquia agoniza e os ideais republicanos florescem. Alice Moderno, ativista republicana, participa intensamente desse momento por meio da sua colaboração em periódicos e da sua afiliação a associações ligadas a essa causa. A sua militância estende-se às grandes causas do seu tempo, como a reivindicação da lei do divórcio, de cuja campanha participou com a publicação de artigos na imprensa a favor da aprovação dessa lei. A 5 de outubro de 1910, a República foi proclamada. Em 3 de novembro desse ano, o governo provisório publica o decreto da lei do divórcio.

Seja como colaboradora de inúmeros jornais e revistas, seja como dona e editora de empreendimentos jornalísticos, é uma empreendedora incansável. Fundara em 1888, tinha apenas 22 anos, o *Recreio das Salas*, um jornal “chic, elegante, em bom papel, com capa de cor e formato airoso [...]” (Vilhena, 1987: 205). Mas fosse pela inexperiência de sua proprietária, fosse pelos altos custos da publicação, o jornal teve vida breve, apenas saíram sete números.

Começara, em 1893, a colaborar com o jornal *Diário de Anúncios* e, no ano seguinte, assumiu, durante alguns meses, a direção do mesmo. Num artigo publicado no semanário *A folha*, expõe o seu ponto de vista sobre o papel que o jornal deve desempenhar. Escreve:

A profissão de fé de todo o jornal que se respeita deve ser a de ocupar útil e agradavelmente o espírito do público que condescende em o ler. [...] Na imprensa, como na vida, os actos são mais sinceros do que as palavras. É, pois, pelo decorrer da sua existência que um jornal se levanta ou se baixa na opinião. (Vilhena, 1987: 211)

Embora os Princípios Internacionais da Ética Profissional do Jornalismo só tenham sido declarados em 1983, a jornalista antecipa os princípios II, “Dedicação do jornalista para a realidade objetiva”, e VII, “Respeito ao interesse público”.

Uma das bandeiras levantadas por Alice está a da proteção aos animais. *A Folha* de 26 de novembro de 1908 noticia que foi realizada uma reunião com representantes do *Diário dos Açores* e da *Revista Pedagógica* para a fundação da Sociedade Micaelense Protetora dos Animais. Em 1911, a sociedade foi criada e na relação dos sócios-fundadores contam-se os nomes de Alice Moderno e de Maria Evelina de Sousa, professora do ensino oficial e sua companheira. Desde 1906, moravam na mesma casa e mantinham uma relação homoafetiva¹¹ que era vista com maus olhos pela sociedade micaelense.

Maria Evelina de Sousa era 12 anos mais jovem do que Alice Moderno. Entre elas, além do afeto, afinidades ideológicas. Em 1906, Maria Evelina criou a *Revista Pedagógica*, órgão do professorado oficial, e foi Alice quem auxiliou a companheira na publicação, não só assinando artigos, mas exercendo também a função de redatora da revista. Ela exercera o magistério durante vários anos, preparando alunos para prestarem exames no liceu¹² e a educação era um dos temas que defendia.

Alice Moderno considerava que a imprensa tem uma importante função social a cumprir e, na edição de 1º de maio de 1910, transcreve as palavras de Emile de Girardin, jornalista francês, dando conta ao público do seu posicionamento: “A imprensa é, depois da escola primária, o meio mais enérgico de moralizar o povo, a mais abundante fonte de riqueza pública, e o mais útil de todos os processos industriais” (Vilhena, 1987: 202).

Participa da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas (LRPM), fundada em 1908, organização em que os ideais políticos

¹¹ Anna M. Klobucka, num artigo intitulado “Summoning Portugal’s Apparitional Lesbians: A To-Do Memo”, menciona a relação de ambas e refere-se ao silêncio existente, em Portugal, no tocante aos relacionamentos lésbicos. O artigo está disponível em https://www.academia.edu/190256/_Summoning_Portugal_s_Apparitional_Lesbians_A_To-Do_Memo_

¹² Havia professores/as que preparavam os chamados alunos “externos” para prestarem os exames no liceu. Não sendo professores oficiais, exerciam a profissão com competência que era aferida pelo número de alunos aprovados nos exames.

caminhavam ao lado das reivindicações feministas, e que tem entre as suas militantes a escritora Ana de Castro Osório¹³, sua amiga. *A Madrugada* (1911-1918), jornal mensal, propriedade da LRP, publicava artigos de intervenção e de opinião sobre a cena política e contou com a colaboração da autora.

Em agosto de 1912, de visita a Lisboa, em companhia de Maria Evelina de Sousa, ambas foram homenageadas pela LRP pela sua participação em prol das causas defendidas pela Liga.

Em 1915, resultante de uma cisão na LRP, foi fundada a Associação Feminina de Propaganda Democrática, cuja figura nuclear é Maria Veleda¹⁴, e Alice Moderno e a sua companheira contam-se entre as afiliadas a esta nova associação. Em 1924, as duas açorianas recebem homenagem no Primeiro Congresso Feminista e de Educação, realizado em Lisboa, pelo papel que desempenham em prol do feminismo e da educação. Foi o justo reconhecimento de duas incansáveis militantes que lutaram, por meio da escrita e da intervenção cívica, pela defesa da educação e dos direitos da mulher.

A atividade jornalística de Alice Moderno estendeu-se por inúmeros jornais e revistas de Portugal Continental e dos Açores¹⁵.

¹³ Ana de Castro Osório (1872-1935) foi uma figura notável da vida pública portuguesa, tendo exercido intensa atividade literária, cívica, política e feminista. Colaborou com diversos periódicos e publicou diversos folhetos sobre a educação infantil. Escreveu para o público infantil, sendo considerada a pioneira da literatura infantil em Portugal. Deixou uma extensa obra, em que a par dos títulos literários figuram os relativos à mulher e aos grandes temas do seu tempo, como a questão do divórcio e da mãe solteira (Esteves, 2005b: 91-98; Flores, Duarte, Moreira, 2009: 27-28).

¹⁴ Maria Veleda, pseudónimo de Maria Carolina Frederico Crispim (1867-1935), foi uma importante ativista das grandes causas do seu tempo. Pertenceu ao grupo de mulheres que teve papel ativo na defesa da causa republicana e dos direitos das mulheres nas primeiras décadas do século XX (Esteves, 2005: 605-614).

¹⁵ Dado não enumerarmos todas as publicações em que a autora colaborou, sugerimos a consulta aos verbetes disponíveis em <http://www.escriptoras-em-portugues.eu/1417106880-Cent-XIX/2015-0721-Alice-Moderno> e no *Dicionário no feminino* (Esteves, 2005a: 43-45).

Militou nas grandes causas do seu tempo: a república, a emancipação da mulher, o divórcio.

Conclusão

Alice Moderno foi uma figura marcante da sociedade micaense. Fisicamente também se destacava. Era alta, forte, e usava o cabelo “à la garçon”. Na década de 1940, podia ser vista pelas ruas de Ponta Delgada, na companhia de Maria Evelina, a passear um cãozinho e a fumar charuto. Costumava vestir camisa branca, de colarinho, com gravata preta, e usava chapéu masculino e bengala. Impôs-se sempre pelas suas qualidades morais e intelectuais.

Figura incontornável da cultura açoriana, teve entre os seus interlocutores grandes figuras da cena nacional e estrangeira, entre eles: Cândido de Figueiredo, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Teófilo Braga, Trindade Coelho, Wilhelm Storck. Faleceu em 20 de fevereiro de 1946, aos 78 anos, passados 8 dias da morte da companheira, tendo sido sepultada ao seu lado no jazigo que mandara construir no cemitério de S. Joaquim, em Ponta Delgada.

Em testamento, deixou parte dos seus bens para que fosse criado o Hospital Veterinário Alice Moderno, inaugurado em 1948, e ainda hoje existente. O restante coube em usufruto a seu irmão Victor, que residia em Nova Iorque. Com a morte do irmão em 1954, os bens foram arrematados em leilão, em 1956, e com o dinheiro arrecadado foi comprada uma propriedade nas Capelas onde funciona a Casa do Gaiato.

Virginia Woolf afirmava que “A liberdade intelectual depende de coisas materiais” (1985: 141). Alice Moderno sabia disso. Por isso, ousou construir uma trajetória de vida singular. Num tempo em que as meninas tinham de se preparar para ser boas donas de casa, ela decidiu estudar. Foi a primeira mulher a frequentar o Liceu de Ponta Delgada. Escolheu o exercício do magistério e da escrita, ao invés das prendas domésticas. Solteira, por opção, emancipada dos homens, viveu um amor “marginal”. Ingressou no jornalismo, fundando peri-

ódicos, adentrando, assim, num espaço tradicionalmente masculino. Conquistou, com o seu trabalho, um “teto todo seu” e uma renda toda sua.

Recibido: 25/07/2016

Aceptado: 25/12/2016

Referências bibliográficas

Bloom, Harold (1994), *O cânone ocidental*, Manuel Frias Martins (trad.), Lisboa: Círculo de Leitores.

Cominos, Peter T. (1980), “Innocent *femina sensualis* in unconscious conflict”, em Martha Vinicius ed., *Suffer and be still: women in the victorian age*, Londres: Methuen, pp. 155-172.

Edfeldt, Chatarina (2006), *Uma história na História: representações da autoria feminina na História da Literatura Portuguesa do século XX*, Montijo: Câmara Municipal do Montijo.

Esteves, João (2005a), “Alice Augusta Pereira de Melo Maulaz Moniz Moderno”, em Zila de Castro e João Esteves dirs., *Dicionário no feminino (séculos XIX e XX)*, Lisboa: Livros Horizonte, pp. 43-45.

— (2005b), “Ana de Castro Osório”, em Zila de Castro e João Esteves dirs., *Dicionário no feminino (séculos XIX e XX)*, Lisboa: Livros Horizonte, pp. 91-98.

Flores, Conceição; Duarte, Constância Lima; Moreira, Zenóbia Collares (2009), *Dicionário de escritoras portuguesas: das origens à atualidade*, Florianópolis: Mulheres.

Klobucka, Anna (2009), “Summoning Portugal’s Apparitional Lesbians: A To-Do Memo” em Association of British and Irish Lusitanists, National University of Ireland at Maynooth, 11-12 September Academia.edu, https://www.academia.edu/190256/_Summoning_Portugal_s_Apparitional_Lesbians_A_To-Do_Memo_ [acesso em 6/01/ 2016]

Macedo, Ana Gabriela; e Amaral, Ana Luísa eds. (2005), *Dicionário de crítica feminista*, Porto: Edições Afrontamento.

Maingueneau, Dominique (1995), *O contexto da obra literária*, Maria Appenzeller (trad.), São Paulo: Martins Fontes.

Moderno, Alice (1885), “A ti!”, *Almanaque luso brasileiro de lembranças*, Lisboa: Livraria de António Maria Pereira, p. 213.

— (1886a), *Aspirações*, Ponta Delgada: [s.n.].

— (1886b), “Saudação ao Senhor D. Pedro II, Imperador do Brasil”, *Almanaque luso brasileiro de lembranças*, Lisboa: Livraria de António Maria Pereira, p. 396.

— (1886c), “Depois do baile...”, *Almanaque luso brasileiro de lembranças*, Lisboa: Livraria de António Maria Pereira, p. 106.

— (1887), “Horas de spleen”, *Almanaque luso brasileiro de lembranças*, Lisboa: Livraria de António Maria Pereira, p.143.

— (1888), “Adeus!...”, *Almanaque luso brasileiro de lembranças*, Lisboa: Livraria de António Maria Pereira, pp. 406-7.

— (1889), “Soneto geográfico”, *Almanaque luso brasileiro de lembranças*, Lisboa: Livraria de António Maria Pereira, p. 122.

— (1891), “Deus sabe”, *Almanaque luso brasileiro de lembranças*, Lisboa: Livraria de António Maria Pereira, p. 459.

— (1894), “Nunca mais!”, *Almanaque luso brasileiro de lembranças*, Lisboa: Livraria de António Maria Pereira, p. 370.

— (1908), “Separação”, *Almanaque luso brasileiro de lembranças*, Lisboa: Tipografia da parceria António Maria Pereira, p. 202.

— (1909), “Os mártires do amor”, *Almanaque luso brasileiro de lembranças*, Lisboa: Tipografia da parceria António Maria Pereira, p. 318.

“Alice Moderno” em *Escritoras. Women writers in Portuguese before 1900*. <http://www.escritoras-em-portugues.eu/1417106880-Cent-XIX/2015-0721-Alice-Moderno> [acesso em 19/01/ 2016]

Bra (n.d.) “Alice Moderno”, blogspot, <http://alicemoderno.blogspot.pt/> [acesso em 19 janeiro de 2016].

Silva, Fábio Mário da (2014), *A autoria feminina na Literatura Portuguesa: reflexões sobre as teorias do cânone*, Lisboa: Edições Colibri.

Vilhena, Maria da Conceição (1987), *Alice Moderno: a mulher e a obra*, Angra do Heroísmo: Direcção Regional dos Assuntos Culturais.

— (2001), *Uma mulher pioneira: Ideias, Intervenção e Acção de Alice Moderno*, Lisboa: Salamandra.

Woolf, Virginia (1985), *Um teto todo seu*, Vera Ribeiro trad., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2 ed.